

ORDEM DA LIBERDADE
MEMBRO HONORÁRIO

AUTORES

S.P.A. MAIO 2026
REVISTA DIGITAL N. 14

SEM AUTORES NAO HÁ CULTURA



EM NOME DA CULTURA

PARLAMENTO APROVA
POR UNANIMIDADE
LOUVOR À **SPA**

**LUÍS
CAETANO**

“A minha guerra é contra
a estupidificação”

**SÉRGIO
GODINHO**

Prémio Vida e Obra
nos 101 anos da SPA

**PEDRO
ABRUNHOSA**

O reconhecimento
da consagração de carreira

REVISTA AUTORES

Director José Jorge Letria

Coordenação Editorial Paulo Sérgio dos Santos

Coordenação de Imagem Jaime Serôdio



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

+351 213 594 400
geral@spautores.pt

Av. Duque de Loulé 31
1069-153 Lisboa

www.spautores.pt



CONTEÚDOS



04 JOSÉ JORGE LETRIA

“HOJE TEMOS MAIS DE 27 MIL ASSOCIADOS, DE TODAS AS ÁREAS CRIATIVAS E DE TODOS OS PONTOS DO PAÍS. AS NOVAS TECNOLOGIAS MULTIPLICAM AS DISCIPLINAS CRIATIVAS E NÓS TEMOS PROCURADO ACOMPANHAR ESSA TRANSFORMAÇÃO (...).”

18 LUÍS CAETANO

“QUANDO ESTUDEI JORNALISMO QUERIA SER REPÓRTER DE GUERRA PORQUE ERA ISSO QUE ME MOTIVAVA. E NÃO FUI, POR ACASOS DA VIDA(...).”

26 MARIA FLOR PEDROSO

“AS REDACÇÕES, HOJE, NÃO TÊM TEMPO PARA REFLECTIR, PARA DISCUTIR, PARA VER O QUE SE FEZ MAL E O QUE SE PODE FAZER PARA MELHORAR.”

22

MILHANAS

“HÁ MUITO SÍTIO DE DOR PROFUNDA, MAS QUERO PROCURAR OUTRO SÍTIO, MAIS LUMINOSO, ASSIM O MEU MOTE DE VIDA, POIS É NESSE SÍTIO QUE EU ESTOU E ONDE ME ENCONTRO.”



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

SPA AOS 101 ANOS:

“SOMOS HOJE UMA SOCIEDADE VITALMENTE PUJANTE E PREPARADA PARA O FUTURO”

Entre o balanço das comemorações do centenário, a estabilidade financeira da cooperativa, a modernização dos edifícios e os desafios colocados pela inteligência artificial, **José Jorge Letria** traça o retrato de uma SPA mais forte, descentralizada e atenta à defesa dos autores.

O centenário da SPA marcou o fecho de um ciclo particularmente importante para a cooperativa. Que balanço faz deste ano?

O centenário da fundação da Sociedade Portuguesa de Autores, a 22 de maio de 1925, foi um momento de afirmação da pujança desta instituição que, cem anos depois, continua a ter uma presença forte na nossa vida social, cultural e autárquica, com criatividade, imaginação e capacidade de intervenção.

O centenário foi comemorado com muita alegria e criatividade, desde logo através da imagem pujante criada por José de Guimarães, autor do quadro que continua hoje presente na fachada do edifício 2 da nossa cooperativa. Foi uma obra criada a meu convite para assinalar esta celebração e estamos até a ponderar mantê-la para além de 22 de maio de 2026.

Foi também um momento em que avançámos muito na divul-



O reconhecimento institucional dá-nos confiança...

gação da nossa atividade enquanto defensores dos direitos de autor e da nossa capacidade de negociação com operadores culturais públicos e privados, nomeadamente autarquias e representantes por todo o país.

As nossas delegações são hoje a primeira linha de presença no terreno. São o primeiro rosto da SPA junto das populações, das autarquias e das entidades que promovem concertos, espetáculos, teatro, cinema e outras iniciativas culturais que

necessitam de licenciamento. Foi, por isso, um ano de reforço da nossa capacidade de presença.

Ao mesmo tempo, desenvolvemos uma ampla campanha de divulgação na rádio, televisão e imprensa escrita sobre o papel da SPA na defesa do direito de autor e também sobre a nossa afirmação internacional, sustentada pelo trabalho que desenvolvi durante quase duas décadas na direção da CISAC e do Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores, com sede em Bruxelas.



As eleições confirmaram esta equipa e este projeto

Este foi também um ano marcado por eleições internas e pela continuidade da atual direção. Que significado teve esse resultado?

As eleições confirmaram esta equipa que decidi voltar a liderar porque, sinceramente, não vi surgir nenhuma alternativa com credibilidade e capacidade para prosseguir este projeto no terreno e no tempo.

Avançámos para eleições, obtivemos uma boa votação e chegamos a este momento com uma situação financeira muito tranquila e serena. Tivemos um resultado líquido de 4.416.262 euros, um resultado impressionante quando olhamos para o passado financeiro desta casa.

Essa estabilidade permite-nos agora avançar com as obras de recuperação do edifício-sede e do edifício 2, na Gonçalves Crespo. Vamos ficar com dois espaços modernizados, centrais e preparados para acolher melhor os nossos trabalhadores, autores e visitantes, portugueses e estrangeiros.

Tenho acompanhado os projetos de arquitetura e acredito que o edifício 2 ficará marcado pela modernidade, pela beleza e por uma forte capacidade de acolhimento.

A modernização dos edifícios acompanha um reforço estrutural da cooperativa?

Sim. Os dois edifícios terão mais condições para acolher os autores e a sua atividade criativa e comunicacional.

Ao mesmo tempo, estamos a reforçar áreas fundamentais da nossa estrutura, nomeadamente a informática e o departamento jurídico, essenciais para responder aos desafios atuais.

Estamos também a preparar-nos, do ponto de vista teórico e operativo, para enfrentar a questão da inteligência artificial. Da inteligência artificial só recebemos, até agora, queixas, preocupações e apreensões de autores que se sentem ameaçados e postos em causa por tecnologias que podem afetar diretamente o mundo criativo e identitário dos autores.

Hoje temos mais de 27 mil associados, de todas as áreas criativas e de todos os pontos do país. As novas tecnologias multiplicam as disciplinas criativas e nós temos procurado acompanhar essa transformação com rigor e atenção.

Os serviços da SPA funcionam hoje com estabilidade e tranquilidade, muito graças à saúde financeira alcançada. Os sinais de vitalidade da cooperativa são visíveis e dão-nos confiança para avançar para o futuro.

Vejo esta celebração dos 101 anos como a prova de que a SPA envelheceu, mas ficou mais jovem na sua energia, na dedicação dos seus trabalhadores e dirigentes e na capacidade de adaptação aos novos tempos.

Hoje somos uma sociedade forte, criativa e atenta ao país inteiro, das delegações de Braga às regiões autónomas, sempre com especial atenção às novas tecnologias.

A inteligência artificial surge como uma das preocupações do setor cultural e criativo. Como olha para esse desafio?

Pessoalmente, como autor e presidente da SPA, aquilo que mais me preocupa é o impacto da inteligência artificial no futuro imediato e no médio e longo prazo.

A inteligência artificial pode ameaçar severamente o mundo dos autores e da cultura. Temos acompanhado esta realidade com atenção. Organizámos já o primeiro encontro dedicado a este tema e é importante que continuemos a refletir sobre ele.

A nossa administradora Paula Cunha tem também pronto para edição um livro com contributos de autores reconhecidos ligados à gestão do direito de autor, que será mais um contributo para este debate.

Institucionalmente, a SPA é hoje reconhecida e respeitada, e essa vitalidade será novamente visível na celebração dos nossos 101 anos, a 22 de maio, quando distinguiremos várias personalidades com Medalhas de Honra e prémios de carreira e obra.

Entre os homenageados estarão Miguel Sousa Tavares, Fátima Campos Ferreira, Pedro Abrunhosa e Sérgio Godinho.

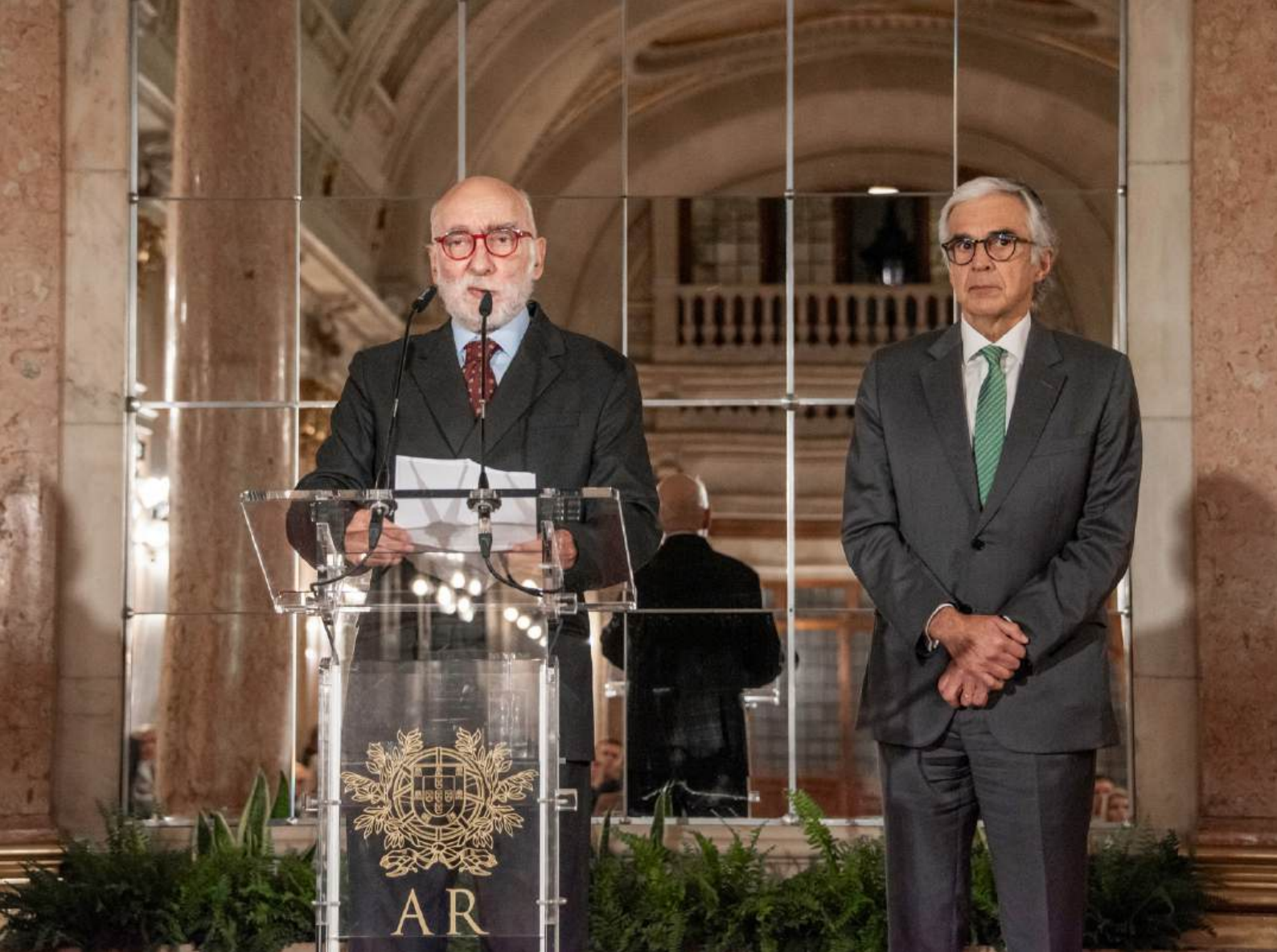
A SPA recebeu, ao longo deste período, reconhecimento institucional e político. Que importância atribui a esse apoio?

O louvor da Assembleia da República à nossa instituição foi aprovado por unanimidade, o que não é fácil no atual contexto parlamentar, e isso muito nos honrou.

Esse reconhecimento foi depois confirmado presencialmente, quando recebemos o louvor das mãos do presidente da Assembleia da República.

Ao mesmo tempo, temos chamado a atenção do poder político, da ministra da Cultura e da própria Assembleia da República para a necessidade de um ordenamento jurídico sólido capaz de responder aos desafios colocados pela inteligência artificial e pelas novas tecnologias.

Estamos bem, estamos de boa saúde, e este é o depoimento confiante de alguém que dirige esta casa e sabe que a SPA tem condições para continuar a crescer e a avançar com segurança para o futuro.

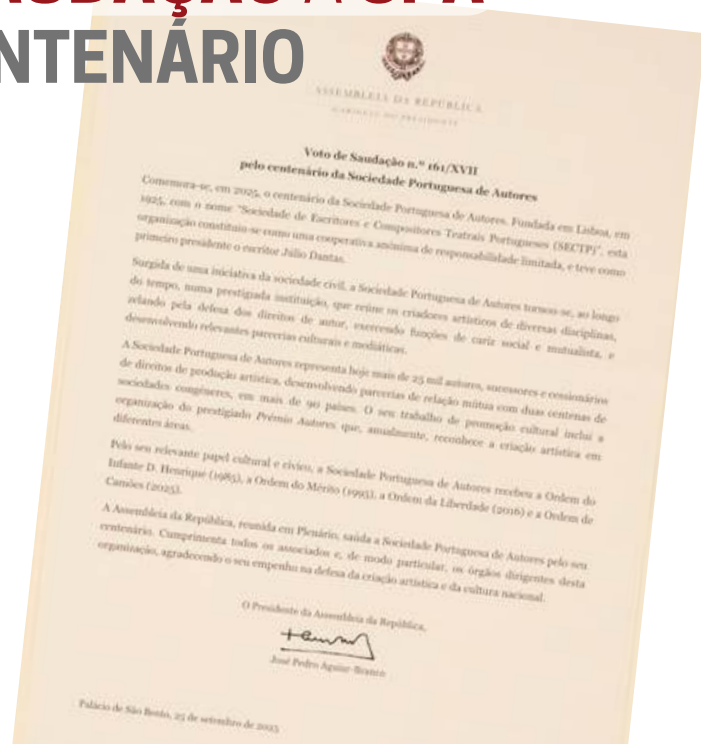


SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

ATRIBUI **VOTO DE SAUDAÇÃO À SPA**
PELO SEU CENTENÁRIO

A Assembleia da República atribuiu à Sociedade Portuguesa de Autores um **Voto de Saudação**, pelo centenário da SPA, aprovado por unanimidade. O voto foi entregue numa emotiva cerimónia realizada no dia 17 de Dezembro de 2025, que contou com os discursos do Presidente da Assembleia da República, **José Pedro Aguiar-Branco**, e do Presidente da SPA, **José Jorge Letria**. O evento terminou com um momento musical de **Luís Represas** e **Samuel Úria**.





LUÍS REPRESAS



SAMUEL ÚRIA

SPAUTORES © JAIME SERÓDIO



VEJA AQUI
GALERIA DE FOTOS E VÍDEO
www.spautores.pt

ENTRE A ARTE E O ALGORITMO:

DO MEDO À DESCOBERTA

PODCAST

CONQUISTA PÚBLICO E AFIRMA-SE COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE IA

A primeira série do podcast “Entre a Arte e o Algoritmo: do Medo à Descoberta”, apresentado por Paula Cunha, afirmou-se como uma das mais relevantes iniciativas recentes de reflexão sobre o impacto da inteligência artificial no universo da criação cultural. Transmitido todas as quartas-feiras, entre 12 de Novembro de 2025 e 4 de Fevereiro de 2026, ao longo de 11 episódios, o podcast foi difundido no **canal da SPA** no **YouTube** e no **Spotify**. A série reuniu autores de diferentes áreas criativas, promovendo conversas abertas sobre os desafios, inquietações e oportunidades que as novas tecnologias colocam ao sector cultural.

Muito bem recebido pelo público, o programa registou uma forte adesão e um interesse crescente ao longo dos episódios.

O reconhecimento desta primeira série levou ao convite para a realização de uma edição especial ao vivo no Tech & Arts Festival 2026, organizado pela TUMO Coimbra, que decorreu no dia 10 de Maio de 2026. A sessão, realizada ao vivo, com a participação de Samuel Úria, alargou o diálogo entre arte, tecnologia e sociedade.

OS AUTORES

CONVIDADOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PODCAST FORAM:



GONÇALO M. TAVARES



RITA REDSHOES



ANDRÉ LETRIA



PAULO FURTADO (THE LEGENDARY TIGERMAN)



RUI FILIPE



HELENA AMARAL



PEDRO ABRUNHOSA



MILHANAS



SAM THE KID



TOZÉ BRITO



JOSÉ JORGE LETRIA

CANAL DE **YOUTUBE** ←



CANAL DE **SPOTIFY** ←



EM BREVE: A SEGUNDA SÉRIE.

SPA E DEMAIS ENTIDADES DE GESTÃO COLECTIVA CONGRATULAM-SE COM EXPRESSIVA REJEIÇÃO DE ACABAR COM A CÓPIA PRIVADA

As entidades de gestão colectiva abaixo identificadas congratulam-se com o sentido de responsabilidade manifestada pelo Parlamento a propósito da proposta, submetida pelo partido IL, que visava eliminar a cópia privada.

Com efeito, a expressiva rejeição da mesma, por partidos de diferentes áreas políticas, acentua a importância que a cópia privada tem, não apenas para os titulares de direito, como para a cultura em geral enquanto mecanismo de coesão social e de desenvolvimento económico.

Autores, artistas, produtores de música e cinema, editores de imprensa e editores de livros, agradecem a resposta clara dada pela esmagadora maioria dos senhores deputados que, esclarecidos e cientes da relevância do tema, não hesitaram em manter uma legislação que tão importante é para todos os que produzem e que consomem conteúdos criativos.

Com os votos contra dos partidos PSD, PS, CDS, PCP, LIVRE, BE, PAN e a abstenção do partido Chega, o Parlamento português transmitiu uma mensagem de responsabilidade e de sentido cívico que mantém Portugal em harmonia com as obrigações legais a que se encontra sujeito no seio da União Europeia.

Numa época em que não é demais sinalizar a ameaça que a Inteligência Artificial Generativa representa, por enquanto sem regras, recordamos as sábias palavras de Einstein: “Temos de fazer o melhor que podemos. Esta é a nossa sagrada responsabilidade humana”. A nossa Assembleia da República, assumindo a sua responsabilidade, esteve à altura das expectativas de todos os que defendem a justiça e a solidariedade.

AGECOP, APEL, AUDIOGEST, GDA, GEDIPE, SPA E VISAPRESS

PARLAMENTO EUROPEU DEFENDE REGULAÇÃO DO USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA CRIAÇÃO AUTORAL



O Parlamento Europeu aprovou, na sua reunião plenária, um conjunto de recomendações que visam proteger o uso de conteúdo protegido

pela IA, numa assumpção clara de que, para defender o sector criativo na União Europeia, o uso por sistemas de inteligência artificial de obras protegidas deve ser transparente e justo.

Nesta deliberação, aprovada com 460 votos a favor, 71 contra e 88 abstenções, os eurodeputados pedem que o uso de conteúdos protegidos por direitos de autor para treinar a IA seja remunerado de forma justa, protegendo o sector criativo que representa 6,9% do PIB da UE.

Também exigem transparência total, incluindo listas detalhadas de todas as obras usadas no treino da IA e registos das actividades de recolha de dados. A falta dessas informações pode ser considerada violação de direitos de autor.

Além disso, também defendem que a legislação de direitos de autor da UE deve aplicar-se a todos os sistemas de IA generativa no mercado europeu, independentemente de onde tenham sido treinados.

O Parlamento Europeu quer ainda criar um novo mercado de licenciamento através de um mecanismo de presunção e garantir remuneração justa para os titulares de direitos, bem como resolver os efeitos de substituição injusta provocados por obras geradas por IA.

Saliente-se que os eurodeputados consideram que os conteúdos totalmente gerados por IA não devem ter proteção de direitos de autor e que os cidadãos devem ser protegidos contra a disseminação de conteúdos manipulados ou falsos criados por IA.

A SPA que, em articulação com o Grupo Europeu das Sociedades de Autores (GESAC), tem lutado pela regulamentação do uso da IA na actividade criativa, congratula-se com esta decisão do Parlamento Europeu e espera que a Comissão Europeia rapidamente legisle em conformidade.

NOVOS CORPOS SOCIAIS DA SPA

ELEITOS COM 196 VOTOS



Sob o lema “**Unidos pelo Futuro**”, a Sociedade Portuguesa de Autores elegeu os seus corpos sociais para o próximo quadriénio.

A lista única presidida por **José Jorge Letria** para a Direcção, por **José Pacheco Pereira** para a Mesa da Assembleia Geral e por **Miguel Ângelo** para o Conselho Fiscal, obteve um total de 196 votos.

PLANO E ORÇAMENTO DA SPA

APROVADOS COM 138 VOTOS

O Plano e o Orçamento da SPA para 2026 foram aprovados em assembleia geral da cooperativa por 138 votos presenciais e por zoom.

Foram entretanto anunciadas iniciativas e acções da SPA para o próximo quadriénio em que a instituição será gerida pelos novos corpos sociais entretanto eleitos e com tomada de posse marcada para o dia 5 de Janeiro.



APROVADAS CONTAS DA SPA

COM 164 VOTOS

O relatório e as contas da SPA para 2026 foram aprovados em Assembleia Geral da Cooperativa, no passado dia 30 de Março, com 164 votos favoráveis, que foram apresentados presencialmente e por “zoom.”





NOVOS CORPOS SOCIAIS TOMARAM POSSE PARA O QUADRIÊNIO **2026-2029**

A Sociedade Portuguesa de Autores realizou, no passado dia 5 de Janeiro de 2026, na Sala-Galeria Carlos Paredes, a cerimónia de Tomada de Posse dos Novos Corpos Sociais para o quadriénio 2026-2029.

No âmbito desta renovação dos órgãos sociais, Pedro Abrunhosa cessou funções enquanto Presidente da Assembleia Geral, cargo que passa agora a ser assumido por José Pacheco Pereira.

O momento contou ainda com uma componente cultural, através da actuação musical de Pedro Jóia e da leitura de poemas por Raquel Marinho, encerrando a sessão num ambiente de celebração da cultura e da criação artística.

VEJA A GALERIA DE
FOTOGRAFIAS COMPLETA
DA CERIMÓNIA 



A portrait of David Fonseca, a man with wavy hair and orange-rimmed glasses, wearing a vertically striped shirt. He is holding a clear glass trophy with a blue base. The trophy has a red cross on it and a plaque that reads "PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2026". The background is a blue, textured wall.

DAVID FONSECA

PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2026

MENSAGEM DA SPA

DIA MUNDIAL DA POESIA 2026



A PALAVRA DE POESIA EM TEMPO DE CORVOS CHACAIS

21 DE MARÇO DE 2026

Podia fazer um poema. Um texto longo, com ritmos caudalosos, imagens impressionantes. Ou um soneto. Podia fazer um poema em tercetos com metáforas que dessem a ver de outro modo o absurdo destes tempos em que, de novo, os

monstros do fanatismo, da ignorância e da tirania parecem ditar o quotidiano das nações e minar o quotidiano de cada um. Mas não há forma de falar deste dia da poesia, em 2026, com metáforas, com imagens, com aquela música dos sons e aquele arranjo da frase que seduz, que desafia. O tempo que nos é dado viver exige que os poetas não pactuem com a mediocridade instalada e promovida por um sistema geral de alienação e de brutalização do humano. A resistência da poesia, di-lo Jean-Luc Nancy está nesse não ceder às modas, ao mercantilismo literário.

O tempo em que estamos é um tempo armadilhado: as redes sociais são a nova arma da opressão sobre os povos. Sob a capa de uma humanidade em rede, mais livre porque conectada (detestável verbo, este), não me lembro de um modo mais ínvio de arregimentar, de formatar, de decapitar. As redes sociais são inimigas da liberdade, da independência crítica, da cultura livresca, da poesia e das artes. Nenhum filho dos donos dos mamutes digitais tem tablets ou está atolado em telemóveis. Os filhos dos donos do digital lêem Platão e T. S. Eliot, sabem o que foi a comuna de Paris, não ignoram quem foi Rosa Luxemburgo.

Nós, os pobres? Nós, o povo? Afogamo-nos no mar digital. Os olhos secam-nos em face dos ecrãs. A imaginação, ao contrário da promessa do Maio de 68, não chegou, não chegará ao poder. A única rosa que venceu foi a rosa de Hiroxima, “estúpida e inválida”, cantou Ney Matogrosso. Hoje, de novo o nuclear nos ameaça. Ler Violeta Parra e cantar “A Los Dezasasiete” é fazer poesia. Eles não querem isso. Nas sociedades actuais, à luz da nova narrativa, é preciso fazer a guerra para consolidar a paz (supremo paradoxo na Europa e nos EUA). Eles, os mandantes do mundo, prometem aos povos apenas uma coisa: um dia-a-dia “sórdido, canino, policial”, como escreveu, sobre outra época, Alexandre O’Neill. Tudo isto importa neste DIA MUNDIAL DA POESIA.

Num país em que a leitura atinge níveis de indignação preocupantes; num rectângulo de 11 milhões onde 7 em cada 10 portugueses não compreende enunciados complexos; neste país onde o livro continua a ser caríssimo e onde, da edição ao ensino, o que muitas vezes se promove é o livro fácil, o escritor da moda, esse que jamais inscreverá na língua “a metáfora imorredora” (Fiama),

podemos perguntar: que lugar para a poesia? Quando, perante um poema de Camões, uma larga fatia de estudantes nem sequer sabe situá-lo no tempo para, com compreensão do contexto, saber ler o texto – que sentido para a poesia? Quando as sucessivas reformas educativas mataram a verdadeira presença da poesia nos programas escolares, como quereis que os jovens sejam sensíveis, cultos, fraternos? O dinheiro, o sucesso. Só isso lhes demos como valores... A poesia não pode pactuar com essa vil tristeza...

E no entanto, apesar desta fase da História em que o tecnofeudalismo lança as suas bases futuras no caminho de uma ditadura digital global (moeda única, governos únicos, divisão do globo em três esferas de influência: a americana, a russa e a chinesa – é isso que nos dizem e é isso que querem fazer crer), a poesia, as artes e a imaginação ainda encontram eco. A poesia resiste e subsiste. Insiste.

Há comunidades de leitores em cidades portuguesas. Há cursos sobre poesia. Há quem queira viver mais livre porque percebeu que a digitalização do mundo é a perda de muita coisa humana. Que coisas? Palavras. Linguagem. Imaginação. Franqueza. Justiça. Fraternidade. A poesia, disse-o um grande poeta espanhol, Alfonso Costafreda, é esse enigma, esse inominável difícil, mas por esse enigma, em seu nome, o poeta daria a sua vida. A poesia é, sem dúvida, como Dante descendo aos infernos, essa “companheira de hoje” de que nos fala Costafreda. A palavra de poesia.

O DIA MUNDIAL DA POESIA é, nesta “trágica enxovia” (Antero), o dia que temos de lembrar, de celebrar, de fazer chegar aos mais novos. É essa uma das facetas do grande combate: em face da desmemória e da desleitura, em face do desaparecimento de jornais culturais (conto o fim do JL como um dos mais graves atentados a um ideal de democracia e de cultura perpetrados em Portugal nos últimos 25 anos); perante o deslaçar do Estado Social, será ainda a poesia uma maneira íntima de, cada um consigo e cada um na relação humana que construa com o outro, proclamar a vida e a vitória da vida sobre o império da morte.

Quando Éluard diz que “a terra é azul como uma laranja”, quando António Ramos Rosa declara “estou vivo e escrevo sol”, quando Sophia nos diz que o poema fala de coisas concretas – ângulo da janela, perfume da tília e do oregão, sombra do muro, ou das ânforas na loja dos Barros numa cidade de Lagos num outro tempo -, de que nos falam os poetas? De vida. Do poder transfigurador da palavra de poesia. Falam-nos, como digo, de vida. Mas de uma vida digna, humana, com saúde, com salários dignos, vida com trabalho

justo, com políticas sociais robustas. Os poetas não falam de abstracções. Um poeta não sacrifica o homem concreto em nome de qualquer conceito abstracto, seja ele o melhor dos conceitos. A paz de que o poeta fala é a paz de facto e não uma paz indefinida. A justiça de que Unamuno foi a voz em tempo de fascismo não é uma justiça que só existe para uns eleitos. A poesia não é abstracção, é uma acção concreta implicada nos gestos mais simples: ler um poema à cabeceira de um doente; dar a mão a alguém profundamente só, um imigrante, um exausto trabalhador da construção civil, um funcionário cansado, uma criança sem ânimo... A poesia existe nos gestos quotidianos que recusam o mimetismo, o seguidismo. Uns chamam-lhe coragem, outros originalidade. Outros, liberdade. Mas é só ser-se humano. Só isso.

A poesia é o acto concreto da escrita que, partindo do vivido o transforma em arte, signos em rotação para produzir “a magia que tira os pecados do mundo”, como propõe Alberto Pimenta. Independente, livre, criativa, a poesia e o seu dia reiteram um código legal novo: “e se fôssemos rir, rir de tudo?” (Cesariny). A poesia é outra gramática contra o literal do real, e, por isso ela é “um barco para Ítaca” (Alegre), ou “transporte no tempo” (Ruy Belo), e, porque está “dentro da vida” (Gastão Cruz), ela, a poesia, instala a dúvida no seio dos moralismos e a surpresa no mundo dos obtusos. O poeta sabe que a poesia é o contrapoder. O poder da poesia existe quando existe o duende, e isso é raríssimo. O poeta que medita sobre ruínas (Nuno Júdice) faz um trabalho oculto: ele cultiva no chão comum da cultura uma nova árvore para um novo fruto: o fruto de uma nova gramática – a da imaginação.

Na poesia portuguesa actual, tão padronizada nos modos como se pretende ousada e não é; tão igual nos modos como se quer narrativa e / ou provocatória, mas é só fogo-fátuo, e terreno propício ao surgimento de modas atrás de modas; nesta poesia hoje anémica de construção verbal que agite a árvore do real, vai sendo tempo de fazer lembrar o óbvio: o poeta não pode pactuar com o estado do mundo.

O acto de escrever poesia, mesmo se ela vier um dia a ser feita por todos, é um acto da mais profunda liberdade, porque é da mais profunda solidão. O poeta quer que a sua palavra em liberdade livre chegue aos outros. Nas metáforas e na frase angulosa, sedutora, instigante que constrói não pode deixar de propor a imaginação como estrada possível do futuro. Isso impede que o poeta seja um produtor de versos. Não pode ser isso. Hoje, quem escreve poesia deve, mais do que nunca, descobrir a sua autonomia expressiva. Vivemos em era de contrafacção... recuse-se esse modo empobrecedor com que se vão alimentando festivais ...

O poeta combate, hoje, e uma vez mais, pelo rigor de uma palavra limpa, viva, erigindo “um mundo pedra a pedra”, porque sabe que “as palavras pesam” (Carlos de Oliveira). O poeta que o seja de facto (e não seja a figura da moda, o poetastro que faz manchete a cada novo versículo que produz para gáudio dos amigos da clique que o promovem) não pactua, não cede, não transige. Escreverá dentro da sua fidelidade a uma palavra-imagem porque o poema não é um prosaísmo pretensioso; escreverá ciente da tradição porque não aderiu à moda da rasura do passado; escreverá sem nada esperar, sem nada querer, sabendo que neste tempo de corvos, cobras, chacais, um poema é “um dedo apontado ao coração do homem”, como sentenciou a grande Luiza Neto Jorge.

A minha mensagem neste dia é, uma vez mais, uma mensagem que não pode ser só de esperança. Tem de ser de acção. Aos agentes culturais pede-se que não cedam aos ataques que estão sendo feitos à cultura. Partidarizar a cultura é asfiliar a liberdade de acção e de pensamento num sector que se deve exigir que seja livre e com gente competente e são dirigindo-o. Contra essa doença da partidarite lembremos Léopold Sedar Senghor, segundo o qual o primeiro dever do político é deixar de o ser.

Em Portugal urge compreender o óbvio: a sangria do poder pelo poder acabará um dia quando já só tivermos por debaixo dos nossos pés, ruínas. O poeta que guardou essas “conchas puras”, as sementes que lhe foram confiadas, diz-nos Eugénio num poema, terá, então, de edificar de novo o mundo pedra a pedra. O poeta, não o político. Neste DIA MUNDIAL DA POESIA, na luta contra o grande demagogo, na feroz luta que devemos travar contra a desumanização em curso, saibamos imaginar um mundo sem redes, sem prisões.

A cada um compete, no fundo, não pactuar com o estado actual das coisas. Se cada um for corajoso e não tiver medo, então a poesia será ainda esse “diálogo com o universo”, a poesia será ainda essa “fiel dedicação à honra de estar vivo.” (Jorge de Sena).

Em Portugal e no mundo é essa fidelidade à vida que está em causa. Fidelidade à palavra. Contra os corvos cobras chacais que conspurcam e degradam essas que foram um dia “conchas puras” – palavras humanas, palavras que dos destroços de 1945 serviram para fazer a cidade. Em 2026 querem destruir a cidade. O poema, porém, no seu enigma, no seu mistério, resistirá e a memória do passado – Pasternak resistindo com a recitação de Shakespeare – que é memória da poesia será a luz mais forte a irradiar num real renovado. Esse que virá depois do fim da cegueira digital e da desmaterialização do mundo. E será assim porque a poesia é consubstancial ao homem e nunca nenhum chat gpt compreenderá por que razão a terra é azul como uma laranja. Ou porque “à dolorosa luz das lâmpadas eléctricas da fábrica” o homem escreve, quer ser livre. Escreve, lê e vive.

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
Poeta, Professor, Ensaísta

MENSAGEM DA SPA

DIA MUNDIAL DO TEATRO 2026



Que cesse o ruído.
Que se faça silêncio.
Hoje celebra-se a Vida.
Hoje celebra-se o Teatro.

Teatro, na sua essência, maior que a própria Vida. Porque a reflecte, a espelha, a agiganta. Através dele, olhamo-nos, reconhecemo-nos: seres vulneráveis e poderosos, agora à deriva num mundo que tornámos global... mas digital.

Teatro, essa Arte transformadora, tantas vezes usada como “arma”, voz colectiva, inimitável e agregadora, porque física, palpável, humana e sagrada. Nós frente a nós. Mais do que nunca, essa relação corpo-a-corpo pode ser salvadora.

A evolução tecnológica ultrapassou a evolução da Humanidade com consequências que não prevíamos, e que de alguma forma acabaram por ser reveladoras dos lugares que cada um de nós habita, das crenças que nos limitam, dos medos que nos movem. Seres fragilizados, manipuláveis, expomo-nos nas redes sociais como num grande cartaz publicitário de rua, dividindo-nos, tornando-nos reféns de quem encontra nessas redes a forma mais eficaz de usar o poder. E assim, guerras, genocídios, o estilhaçar do tecido social e económico, o esboroar das democracias, o ressurgimento de extremismos, coabitam o espaço digital de mãos dadas com casos amorosos, marketing, moda, e toda a panóplia de eventos da vida diária, nivelando a barbárie e o quotidiano.

Sim, vivemos tempos ruidosos e intensos. O passado já não norteia o presente. A revolução tecnológica abriu caminho a todo um novo mundo, e as lições do passado já não servem de resposta. O futuro está envolto em dúvidas. Temos o “agora” que, a cada dia se transforma, apresenta novos desafios, retira-nos da nossa zona de conforto, pede-nos escuta, neutralidade, reflexão, novas soluções. Pede-nos coragem perante o desconhecido. Pede-nos acção.

Em todos os momentos críticos da história da Humanidade, o Teatro soube erguer-se como um farol, e contribuir para a criação de uma realidade mais benéfica e mais justa. É esse um dos seus grandes poderes. O Teatro conecta, re(liga). Daí o mistério da Arte, esse sagrado ofício de ser o outro, de expor a condição humana em todas as circunstâncias, de a integrar e transmutar. Por isso mesmo, ao longo dos séculos, o Teatro resiste. Resiste a perseguições, às diversas censuras, a modas, à iliteracia, à ignorância. Resiste a políticas que o temem e desprezam. Porque reconhecem a sua força.

Que cesse o ruído.
Que se faça silêncio.
Hoje celebra-se a Coragem.
Hoje celebra-se o Teatro.

Teatro exige coragem. Exige resiliência. Nestes tempos em que os direitos das mulheres e das minorias estão a ser atacados, lembrar a luta das mulheres para conseguirem o seu lugar no Teatro, nunca é demais. Porque equivale à luta que socialmente travamos, sempre, sem interrupção, ao longo de séculos. Ancorada no medo, a resistência dos homens a considerarem as mulheres como iguais, é um dos maiores absurdos da nossa existência. E o Teatro, este nosso espelho, é disso um fiel testemunho.

Que cesse o ruído.
Que se faça silêncio.
Hoje celebra-se o Amor.
Hoje celebra-se o Teatro.

É com amor que se vive e se faz Teatro. Amor pelo ser humano, pela cultura, pela arte. Amor pelo mar de possibilidades que somos e que tão pouco exploramos. Amor pela diversidade, pela descoberta, pela união, pela ordem, pela justiça, pela paz.

Que cesse o ruído.
Que se faça silêncio.
Hoje celebra-se o Liberdade.
Hoje celebra-se o Teatro.

O Teatro convoca-nos à neutralidade, à escuta, à compreensão, e à acção. Não suporta limites, é visceral e cerebral, intuitivo e sistémico. E, acima de tudo, é livre. Por isso, nestes dias, o Teatro grita. Grita contra o genocídio e a ocupação de Gaza e de todos os países ameaçados. Grita contra os extremismos, as guerras, a exploração. O Teatro, face à opressão, sempre se reinventou e lutou. Porque Teatro é Liberdade.

Que cesse o ruído.
Que se faça silêncio.
Hoje celebra-se Vida, a Coragem, o Amor e a Liberdade.
Hoje celebra-se o Teatro.

Viva o Teatro!

ISABEL MEDINA
Encenadora e dramaturga
27 DE MARÇO DE 2026

SPA REFORÇA SENSIBILIZAÇÃO

PARA O DIREITO DE AUTOR NA MADEIRA



A SPA, no âmbito do programa de esclarecimento e de formação que tem vindo a levar a cabo em todo o país, esteve presente no Funchal, entre os dias 13 e 17 de Abril, em diversas iniciativas de sensibilização para o direito de autor.

A delegação da SPA (sede), composta pelo Vice-presidente, TóZé Brito (TZB), pelo director do Departamento Jurídico, Dr. Pedro Alfaiate (PA), e pelo director do Departamento de Execução Pública, João Pedro Canteiro (JPC), foi sempre acompanhada pelo Delegado da cooperativa no Funchal, Dr. Bruno Nóbrega (BN), e cumpriu a seguinte agenda:

- **Dia 13 de Abril** (PA, JPC, BN): CCIF – Centro Cultural e de Investigação do Funchal (Sessão com Casas do Povo, Autores e Promotores)
- **Dia 14 de Abril** (PA, JPC, BN):
 - Reunião com ARAE – Autoridade Regional das Actividades Económicas
 - Reunião com a AMRAM – Associação de Municípios da Região Autónoma da Madeira

- **Dia 15 de Abril** (TZB, PA, JPC, BN):
 - Reunião com o sr. Presidente do Governo Regional da Madeira, Dr. Miguel Albuquerque.
 - Reunião na DRC – Direcção Regional da Cultura
 - Entrevista de TóZé Brito na RTP Madeira – Programa “Madeira Viva”
- **Dia 16 de Abril** (TZB, PA, JPC, BN):
 - Reunião no Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira
 - Reunião na GNR – Comando Territorial da Madeira e Policia Marítima
- **Dia 17 de Abril** (PA, JPC, BN): reunião na Ordem dos Advogados – Conselho Regional da Madeira

A SPA agradece a todas as instituições envolvidas o excelente acolhimento e o elevado grau de compreensão que existiu por parte dos interlocutores, certa de que nunca é demais reafirmar a importância central do papel de Cultura e dos Autores no desenvolvimento regional e na coesão social.



**LUÍS
CAETANO**
PRÉMIO IGREJAS CAEIRO 2026

“A MINHA GUERRA É CONTRA A IGNORÂNCIA E A ESTUPIDIFICAÇÃO” LUÍS CAETANO E A CULTURA COMO RESISTÊNCIA

Distinguido com o **Prémio Igrejas Caeiro** da Sociedade Portuguesa de Autores, Luís Caetano reflete sobre o papel da rádio, a responsabilidade de dar voz aos outros e o combate diário pela Cultura, num tempo que considera ameaçado pela superficialidade, pela pressa e pela perda de empatia. Numa conversa que cruza memória, serviço público e inquietação perante o presente, o radialista defende a escuta como forma de resistência.

Dos estúdios da rádio para o palco da SPA, para receber o reconhecimento dos pares.

O reconhecimento é algo que mexe com quem habitualmente está muito fechado. A rádio chega a toda a gente que queira.

É algo de intimidade. Um bocadinho uma ilha, um cockpit, um voo nocturno, no meu caso, particularmente nocturno.

E sempre a dar voz e palco aos outros.

Se algum talento tenho, é o de fazer com que outros contem as histórias. Eu não quero contar histórias minhas, quero dar a ouvir as histórias dos outros. Igrejas Caeiro foi também isso, sendo que ele era o autor de muito, de teatro, de projectos. Há mesmo uma sintonia com ele, através do tempo. Quando ouvi as entrevistas e pensei “Caramba, este homem fez aquilo que eu gosto de fazer”. Mas no tempo dele, ele era único. Hoje um autor é entrevistado por vinte pessoas, em vinte meios... E por isso, o que ele fez é, de tal forma, precioso que eu sempre lhe fui grato. Receber um prémio com o nome dele é duplamente sentido por mim. Há um reconhecimento da Sociedade Portuguesa de Autores... É uma casa de autores, é uma casa que abriga, que protege, que apoia, que resiste. Nós vivemos num tempo da inteligência artificial, em que as coisas vão ser muito difíceis, quando a criação, que é algo tão particular e tão genuíno, passar a ser encomendada aos

milhares, aos milhões, a um algoritmo que produz um texto, uma música, uma imagem, um conjunto de imagens em movimento... A SPA vai ser tão absolutamente importante como resistência a um mundo, no qual a Cultura se vai diluir e no qual as pessoas se vão diluir no pensamento. É um tsunami que está a formar-se e o desafio para todos é enorme, incluindo os autores e a rádio. Para mim, é muito importante por isso. Por este prémio vir da SPA e por ter o nome de Igrejas Caeiro. E depois, por ter sido atribuído ao jornalista que mais admiro, em Portugal, e que está aqui, o Adelino Gomes. Um exemplo de carácter, de integridade, de dedicação, de inteligência, de coragem.

E o desafio que é levar Cultura às pessoas?

Quando estudei Jornalismo queria ser repórter de guerra porque era isso que me motivava. E não fui, por acasos da vida, mas acho que há uma guerra em que eu estou a lutar que é contra a ignorância e a falta de sensibilidade, senão mesmo a stupidificação. Esse é o grande desafio. É conquistar ouvintes, ter a Antena 2 reconhecida. A Antena 2 é para mim o meio mais essencial do serviço público. Mais do que os canais de televisão. É aquele meio que convida ao tempo, ao estar e ao pensar. Essa entrega, essa rádio ouvida com tempo, vai ao arripio do mundo de hoje. É um acto de resistência. Também para quem escuta, a rádio é casa. Todos são importantes. As rádios de



SPAUTORES © JAIME SERÔDIO

serviço público são muito importantes, os canais de televisão... Cada um de nós faria o serviço público com ideias próprias, certamente, e eu tenho as minhas. Mas, no caso da Antena 2, é muito importante que as pessoas nos ouçam. Sendo que não faz parte do espectro habitual, mas há de facto uma grande minoria que ouve. A dificuldade de levar a Cultura às pessoas é fazer com que elas parem, escutem, vejam, desliguem o telemóvel, não façam scroll durante um tempo. E para isso é preciso propor uma boa conversa ou um bom programa de música. Como tens também a experiência de o fazer, é preciso não estupificar, não infantilizar, não complexificar e ser o mais franco possível. Estarmos nós no lugar do ouvinte. Tentar perguntar a quem estamos a entrevistar ou fazer um programa que nós gostaríamos de ouvir. Um programa digno, estimulante, uma conversa inteligente. Esse é o grande desafio porque a Cultura não garante nada. Dizer que se faz um programa cultural não quer dizer que seja estimulante, agradável de ouvir... É preciso lutar por isso. Essa é a minha grande luta, Cultura que conquiste, que agrade, que desperte a curiosidade. Nem sempre o conseguirei de forma muito boa, mas tento que seja sempre digna, que não infantilize, que não estupifique, que seja correcto. De preferência,



é preciso propor uma boa conversa ou um bom programa de música.

que tenha imaginação suficiente, e que alguém me dê o privilégio de ficar ali, a ouvir-me a mim ou a ouvir aquele com quem eu converso, ou a ouvir uma selecção musical, ou a ouvir um poema que eu proponho. Geralmente, vale a pena. Depois as nossas vidas têm pouco tempo, mas aí temos de ser nós a gerir isso.

A rádio pode ser hoje um dos últimos espaços de atenção verdadeira?

Essa entrega, essa rádio ouvida com tempo, vai ao arrepio do mundo de hoje. E é um acto de resistência. Também para quem escuta, a rádio é casa.



E não é isto um novo jornalismo de guerra?

É jornalismo de guerra, é. É uma guerra tremenda. Não queria nada ser pessimista, mas sinto-me pessimista. Não se pode votar Trump e ser-se uma pessoa sensível, empática. Não se pode votar Chega e ser-se uma pessoa empática. Não perceber que aquele tipo que vem de outro país podíamos ser nós. Se, porventura, a água do mar subir e invadir Lisboa, nós vamos ser refugiados em algum lado. É tão estúpido não sentir que podíamos ser o outro e por isso que eu digo que a maior luta, de todos, passa muito pelos livros. Se deixarmos de ler, se os mais novos deixarem de ler, vão deixar de sentir. Os livros são uma porta para o espanto. Porque se lê cada vez menos, estamos a perder a capacidade de espanto e de deslumbre. Não temos tempo para demorar, proibimos a nós próprios estados de inocência, e isso tem consequências. Resolvam, façam! Não é oferecer um cheque-livro de 20 ou 30 euros. É pensar muito. Os responsáveis, os professores, os pais e pensarmos fazer com que os mais novos não deixem de ler porque a leitura abre as portas para o resto.

E é um grande exercício de empatia. Nós encontramos com as personagens.

É a maior escola da empatia. Nós não nos conseguimos pôr no lugar do outro sem lermos. Quem não lê deixa de ser capaz de se pôr no lugar do outro. **A**



a leitura abre as portas para o resto

MILHANAS

PRÉMIO JOSÉ DA PONTE 2026

“QUERO SEMPRE CRIAR EM PERIGO” MILHANAS E A LIBERDADE DE NÃO SE ACOMODAR

Distinguida com o **Prémio José da Ponte** da Sociedade Portuguesa de Autores, Milhanas fala sobre o impacto da distinção num momento exigente do seu percurso criativo, a transformação do seu processo artístico e a procura de equilíbrio entre vulnerabilidade, ambição e verdade — dentro e fora da música.

Este prémio evidenciou o trabalho como autora?

O processo de criação é muito duro para mim, pesado. De repente, foi muito gratificante e deu-me muita força. Veio dar-me muita vontade de continuar a trabalhar.

Não que seja necessária a aprovação alheia, mas é sempre uma alegria, obviamente. Ainda por cima vindo de uma casa que é, realmente, um sítio onde eu me sinto sempre em paz e muito bem recebida. Foi uma alegria muito grande e foi uma surpresa. Eu não estava mesmo nada à espera. Quando recebi o email, eu até achei que teria sido um engano. Portanto, foi uma alegria a dobrar quando percebi que não era uma mentira e que era verdade.

Como autora houve uma espécie de transformação. Como foi esse processo?

Eu acho que ainda não consigo entender bem de onde veio esta mudança. Não acredito que tenha sido só uma questão de idade, nem de tempo, nem de vida. Eu acho que, de repente, há uma luta que temos todos, uma luta constante para sermos felizes. Era uma luta que eu não tinha antes, porque achava que a alegria e a profundidade das coisas só podia viver na tristeza.

SPAUTORES © JAIME SERÓDIO





SPAUTORES © JAIME SERÔDIO

Eu acho que talvez aí, sim, a maturidade me tenha ensinado que isso não é real e que pode haver muita profundidade num sítio leve, num sítio sereno, num sítio de paz. Não é que agora as canções não partam de um sítio de sofrimento, continuam a partir, simplesmente não querem permanecer nesse lugar. Ao contrário do que aconteceu no Sombra a Sombra, onde as canções começam e acabavam ali e o objectivo era mesmo continuar a alimentar esse sítio. E agora não.

Explorá-lo e esgotá-lo?

Exactamente. Há muito sítio de dor profunda, mas quero procurar outro sítio, mais luminoso, assim o meu mote de vida, pois é nesse sítio que eu estou e onde me encontro.

Sendo Fausto um alento, há alguma relação entre a nova perspectiva e o mote inspirador?

A verdade é que eu acho que todo o tempo que vivi perto do Fausto, eu não tinha ainda maturidade, nem idade, suficientes para entender a obra dele, muito menos para entender a profundidade do cérebro do Fausto. Mas a ideia, de todos os anos de convivência próxima com ele, foi sempre de uma leveza extrema. Eu não tinha idade para entender e por isso



Não é que agora as canções não partam (...) de sofrimento, continuam a partir

não posso responder com clareza, muito menos com veracidade, sobre isso. Mas a ideia que me passou é que, por acaso, era uma pessoa leve, uma pessoa que estava sempre bem disposta, que ria muito, brincava muito. Não sei como seria no processo de criação, o meu pai saberá melhor, mas essa era a ideia com que fiquei.

Pode haver uma certa alegria na luta.

Absolutamente, eu gosto muito dessa ideia de lutar sem ser num sítio de angústia. Acho que não é preciso. Acho que é aí que se encontra a paz que precisamos todos. E que é tão difícil de atingir nos dias de hoje, por todas as razões e mais algumas.

Temos de a conquistar.

Completamente. Absolutamente. E é importante perceber que esta coisa de querer entrar num ciclo de encontrar a beleza das pequenas coisas muito rapidamente se pode tornar num processo egoísta, de escolher a ignorância dos problemas do mundo, de estar alheia... E não é isso que eu quero que aconteça. É preciso equilibrar, porque a verdade é que se estivermos 100% conscientes de tudo o que se passa no mundo, dificilmente vamos encontrar paz, mas acho que é preciso um equilíbrio onde não nos queiramos alhear das coisas que se passam, mas onde nos possamos proteger, que eu acho que também é importante, um equilíbrio.

Quais são as lutas da Milhanas?

As minhas lutas? Pergunta difícil. Acho que ainda estou à procura das minhas lutas. Talvez vá encontrar resposta a essa pergunta mais tarde. Se calhar, na altura do Sombra a Sombra, tinha uma resposta muito óbvia, muito evidente e com bandeiras muito levantadas. Uma coisa que eu tenho sentido na minha geração é que se levantam muitas bandeiras, mas que depois não há força, nem tempo, nem disponibilidade para as sustentar. Por isso, agora estou numa fase em que estou a perceber, realmente, qual é que eu quero levantar e, quando souber, eu vou com a força toda. Ainda não sei qual é o meu propósito nesse sentido de luta. Para já, é ser feliz e estar bem.

E na música, mais especificamente?

O meu propósito na música é obrigar-me sempre a que haja perigo, não quero nunca sentir-me num sítio seguro. Quero sempre que haja desafios, quero sempre procurar escolhas novas, referências novas. Acho que essa é a minha luta, só não ficar conformada com o que, efectivamente, possa ter resultado antes. Acho que é isso que estou a tentar fazer neste disco, uma coisa disruptiva, comparativamente com o primeiro disco, de me querer desafiar. Gosto dessa ideia de viver constantemente com esse perigo de poder dar errado. Eu própria de me estar a surpreender a mim. Acho que essa é a minha luta, ter sempre prazer de me sentir, para sempre, uma amadora. Acho que perco a liberdade a partir do momento que começar a olhar para isto de forma séria... quero manter esse lado naif e ingénuo na criação.

E a ligação com o público?

É uma coisa que me dá muita alegria. É engraçado porque eu sou muito feliz a fazer um formato de concerto grande, acaba por ser difícil uma aproximação mais íntima.




Acho que perco a liberdade a partir do momento que começar a olhar para isto de forma séria... quero manter esse lado naif e ingénuo na criação.

Mas sou muito, muito apaixonada por concertos mais intimista, onde eu posso conversar com as pessoas. Tento sempre ser vulnerável. Há um lado meu que é performer, não vou mentir, não vou esconder esse lado para parecer mais humana. Eu gosto dessa parte estética e artística, mas não gosto nunca que ela supere a parte humana nos concertos. Acho que é esse o meu objectivo, tentar sempre que seja equilibrado. Para a parte humana poder sempre sobressair.

Qual a melhor maneira de abordar a criatividade?

O mais importante enquanto artista é manter a urgência de ver música ao vivo, de ler. Ou seja, de não achar que a criação é uma prioridade. Eu acho que antes da criação, há toda uma vida que tem de existir. Há cada vez mais artistas que têm muita pressa de chegar a um lugar, antes de terem vivido ou até terem coisas para contar. E, portanto, até para mim, o mais importante é nunca esquecer de continuar obsessiva por ver concertos de artistas que eu admiro, por continuar a ouvir discos, por continuar a ler livros. Porque, no fundo, eu sou a última na cadeia, a nível hierárquico. Tantos artistas que eu admiro, que se eu deixar de os ouvir e passar só a ser sobre mim, à partida o trabalho vai ser mais fraco do que poderia ser.

E quais são as mais recentes influências?

Durante bastante tempo a poesia era assim a maior paixão e agora decidi que, para exercitar o cérebro, deveria começar a ler livros educacionais, coisas sobre ciências e matemática. Coisas que não estudaria, utilizo para alimentar o cérebro. Mas, na verdade, acabou por ser o cinema a minha última grande paixão, e que, na verdade, teve muito influência na criação do disco. Foi toda a obra de Godard e de Bergman, que realmente tiveram muita influência... assim cadernos gatafunhados com frases, que tive que traduzir porque francês não é definitivamente a minha praia, mas o Godard é, assim, a paixão do momento. 

A close-up portrait of a woman with dark, wavy hair, smiling warmly. She is resting her chin on her right hand. She is wearing a dark brown top and a watch with a black strap and a gold-colored face. The background is a bright, slightly blurred outdoor scene with green foliage and a blue sky.

**MARIA FLOR
PEDROSO**
PRÉMIO MÁRIO MESQUITA 2026

“FALTA FOCO E REFLEXÃO NO JORNALISMO DE HOJE”

MARIA FLOR PEDROSO

Distinguida com o galardão, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores, a jornalista reflete sobre o significado da distinção, revisita momentos marcantes da sua carreira e partilha uma visão crítica sobre o estado atual do jornalismo em Portugal — um ofício que considera cada vez mais pressionado, apressado e carente de estratégia.

O Prémio Mário Mesquita, da Sociedade Portuguesa de Autores, provocou-lhe algumas memórias.

A minha reacção foi lembrar como é eu cheguei aqui. Achei que era importante dar conta da minha fugaz relação com o Mário

Mesquita, que foi antiga, numa altura muito jovem da minha vida profissional e, depois, numa altura bastante mais madura. Foram muito poucas as vezes, mas foi sempre muito importante. Sobretudo, a última vez quando ele foi Vice-Presidente da ERC. Foi uma coisa muito feia que os críticos da altura lhe fizeram, pelo facto de que ele deveria ter sido Presidente da ERC. E não Vice-Presidente. Porque ele era a pessoa, obviamente, mais bem formada para isso e era a pessoa que fazia todo o sentido. Depois, é uma honra, é um orgulho, é uma responsabilidade. Não fazemos nada sozinhos. Há uma série de pessoas que foram fundamentais na minha vida profissional, que é já um bocadinho longa. Fiz-me jornalista na TSF, graças a uma entrevista ao Jorge Semprún, onde se percebeu que ia deixar a parte da música, da rádio, etc.. Estava já na rádio, na RFM, que deixei, uma rádio nacional, para um rádio pirata, na altura. E depois tive pessoas que me deram oportunidades, que me formaram, que me ensinaram, que me puseram a pensar e perguntar. Receber este prémio, tendo em conta os jornalistas

que já o receberam, a começar na Cândida Pinto e acabar no Zé Pedro Castanheira... Penso muito neles e, agora, estou aqui eu. Além de serem enormes jornalistas, dois deles são muito meus amigos, porque nos conhecemos de outras vidas.

Que vidas foram essas?

O Zé Pedro conheci no 3.º Congresso de Jornalistas. A Cândida ainda antes de eu ser jornalista, em outras actividades. Eu tenho um trabalho muito diferente do deles, mas pronto, são precisos jornalistas com vários skills.

Com várias valências.

Exactamente. Não podemos ser todos iguais.

Como vê o jornalismo agora?

Vejo o jornalismo muito apressado. Vejo bom jornalismo, evidentemente. Aliás, sou Presidente do Clube de Jornalistas, e atribuímos prémios de jornalismo, e vejo coisas muito, muito, boas. Mas não creio que seja essa a impressão geral que se tem do jornalismo. A que se ouve, que se lê e que se vê. Acho que há muito má preparação e falta de reflexão. As redacções, hoje, não têm tempo para reflectir, para discutir, para ver o que se fez mal e o que se pode fazer para melhorar.



SPAUTORES © JAIME SERÔDIO

É sempre para a frente, para a frente, para frente! Não há uma formação no local, e devia haver. E não há porque não há quem queira que haja, porque muitas vezes os órgãos de comunicação social, às vezes, estão preocupados com coisas que não têm interesse nenhum, ao invés de se preocuparem com o que interessa, que é o core da nossa profissão e daquilo que nós entregamos a quem nos vê, ouve ou lê. Às vezes, eu penso que mesmo quem dirige não olha muito para isso, não olha para aquilo. Está preocupado com outras coisas que, a meu ver, não dão bom resultado.

O jornalismo também luta, em parte...


Claro, e é difícil hoje. É muito difícil e isso tudo, sabemos. Mas, a questão é de não haver foco, de não haver estratégia. Falta uma estratégia de cada grupo empresarial, do que é preciso fazer, em determinado momento. Acho que há muita pressão e pouco foco.

E as rádios, meio onde começou?

Nas rádios é igual. Passa-se, exactamente, a mesma coisa.



Às vezes, deixamos que terceiros controlem editorialmente aquilo que nós fazemos

As rádios reflectem o jornalismo que se faz hoje. Também é, muitas vezes, não haver uma agenda, não haver o lado do controlo editorial, do produto. Às vezes, deixamos que terceiros controlem editorialmente aquilo que nós fazemos. Quando se vê, tantas vezes, aberturas de telejornais, noticiários, sempre com os mesmos protagonistas. Porque é que são aqueles protagonistas? Não há reflexão sobre isso. Acho que faz muita falta nas redacções, faz falta na rádio, na televisão, nos jornais. Eu não distingo muito, somos todos jornalistas e fazemos todos o mesmo. 

PRÉMIO SPAUTORES / VASCO GRANJA 2026

“CÃO SOZINHO” DE MARTA REIS ANDRADE



A curta-metragem portuguesa “**Cão Sozinho**”, realizada por **Marta Reis Andrade**, venceu o Grande Prémio Vasco Granja | SPAUTORES, na 25.ª edição do MONSTRA.

O júri, composto por **Anete Melece**, **José Manuel Costa** e **Marcel Jean**, atribuiu o galardão a uma fábula visualmente deslumbrante e profundamente vibrante, que retrata a dor da solidão e sugere um universo de segredos e mistério, conduzindo o espectador a uma ideia de reconexão.

O prémio foi entregue no passado dia 21 de Março, durante a cerimónia de encerramento da MONSTRA 2026 - Festival de Cinema de Animação de Lisboa, no Cinema São Jorge, por **Paulo Sérgio dos Santos**, em representação da **Sociedade Portuguesa de Autores**.

MEDALHAS DE HONRA 2026

A Sociedade Portuguesa de Autores assinala o Dia do Autor Português, celebrado a 22 de Maio, com a atribuição das Medalhas de Honra 2026 a Américo Brás Carlos, Fátima Campos Ferreira,

Francisco Fanhais, Maria do Carmo Fonseca, Miguel Sousa Tavares e Vhils.

Serão igualmente distinguidas as entidades CISAC, COSMOS e IPMA.

Na mesma cerimónia, a SPA entrega ainda o Prémio Vida e Obra a Sérgio Godinho e o Prémio Consagração de Carreira a Pedro Abrunhosa.



A portrait of Pedro Abrunhosa, a bald man wearing dark sunglasses and a white shirt with large black abstract patterns. He has his arms crossed and is looking directly at the camera. The background is a red curtain.

PEDRO ABRUNHOSA

PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA
DA SPA 2026

A portrait of Sérgio Godinho, an elderly man with white hair and glasses, wearing a dark blue jacket over a purple shirt. He is sitting in a theater with red seats. His hands are clasped in front of him.

SÉRGIO GODINHO

PRÉMIO VIDA E OBRA DA SPA 2026

spautores.pt
facebook.com/spautores
instagram.com/spautores
youtube.com/SPAutores1925

**“NÃO VAMOS FALAR
DOS MEUS DIREITOS.
VAMOS FALAR DOS TEUS”**

LÚCIA MONIZ

O direito de autor é aquilo que paga o seu trabalho. É o que o autor recebe por criar algo novo como um filme ou uma série. Se não receber, o autor não os pode criar e é aí que os teus direitos enquanto espectador são postos em causa porque sem autores não há cultura.





ANTÓNIO LOBO ANTUNES

1942 - 2025

A SPA manifesta o seu pesar pela morte aos 83 anos em Lisboa do escritor António Lobo Antunes, um dos nomes mais marcantes da história da literatura portuguesa, com mais de 30 obras publicadas, com traduções em várias línguas e com importantes prémios literários internacionais.

António Lobo Antunes era associado da SPA desde 2004 e foi distinguido com o seu Prémio Vida e Obra no CCB em 2017.

António Lobo Antunes, nascido em Lisboa, filho de um grande médico formou-se em medicina e cumpriu o serviço militar em Angola como oficial médico, estreando-se em livro com “Memória de Elefante”. A experiência da guerra colonial marcou profundamente o universo temático que muitas vezes revisitou. Também teve presente a sua experiência como jovem lisboeta que cresceu com os irmãos em Benfica, que era também o clube da sua predileção desde sempre. Foi durante muitos anos um dos mais inspirados e talentosos cronistas portugueses e foi autor de

muitas letras de canções cantadas sobretudo por Vitorino Salomé, um dos seus grandes amigos. Sabe-se que a D. Quixote, sua editora, irá publicar uma colectânea de poemas seus, género de que nunca se afastou totalmente como escritor e como leitor de grandes poetas.

António Lobo Antunes fez parte, durante anos, da lista dos escritores favoritos para o Nobel da Literatura, que não lhe foi atribuído.

Os seus livros são referências obrigatórias da literatura portuguesa contemporânea, tendo sido estudados por prestigiosos investigadores nacionais e internacionais, como Maria Alzira Seixo, recentemente falecida.

Lobo Antunes esteve sempre atento à vida da SPA com cujas opções de gestão nunca deixou de se solidarizar.

A SPA endereça à família do escritor o testemunho do seu pesar solidário e da sua grande admiração.



MÁRIO ZAMBUJAL

1936 - 2026

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 90 anos, do escritor e jornalista Mário Zambujal, natural de Moura, que era cooperador desta instituição desde Janeiro de 1986.

Autor de 15 livros, com destaque para “Crónica dos Bons Malandros”, entretanto adaptado ao cinema, Mário Zambujal teve reconhecidas funções como redactor e coordenador de jornais como o “Sete”, “O Século”, “Diário de Lisboa”, “Recorde” e “O Mundo Desportivo”, entre outros, para além de ter apresentado na RTP programas na área do desporto, de que se tornou um especialista muito popular e estimado. Foi ainda autor e co-autor de programas de rádio como “Pão com manteiga”, com Carlos Cruz.

A sua estreia literária ocorreu no semanário “Os Ridículos”, quando tinha apenas 15 anos.

Profundo conhecedor do mundo dos jornais e da vida literária e jornalística da capital, ali aprendeu, sem ilusões, muito do que depois verteu, sob a forma de ficção, em “Crónica dos Bons Malandros”.

Amigo leal e sempre com aguçada capacidade de resposta, nunca deixou de ter a noção do que era o mundo em que vivia, não se tendo filiado política e intelectualmente em correntes ou grupos, assumindo-se apenas como um independente que tinha orgulho em ser autor. Em maio de 2008 recebeu a medalha de honra da SPA, que agora se despede dele, recordando o muito que fez pelo jornalismo e pela literatura endereçando à sua família o testemunho do mais sentido pesar.

ANTÓNIO CASIMIRO

1934 - 2026

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 91 anos, do cenógrafo, figurinista e artista plástico António Casimiro, seu cooperador desde 1983 e durante alguns anos membro destacado dos seus corpos sociais.

Nascido em 1934, em Lisboa, António Casimiro estudou na António Arroio e na Escola Superior de Belas Artes. Foi bolseiro da Gulbenkian em Itália, país ao qual regressou para ingressar num curso geral de televisão em Florença em 1976, concluindo em Paris um estágio de televisão a cores.

Foi, entretanto, professor da Escola Superior de Teatro e cinema da Universidade Aberta. Durante 37 anos foi cenografista da RTP, assumindo a liderança desse sector durante 20 anos e trabalhando depois para produtoras independentes ligadas à televisão.

Participou em várias exposições na Europa e representou Portugal na 9ª Quadrienal de Praga.

A sua morte em Lisboa representa uma perda significativa para as artes visuais, de que foi sempre um representante muito activo e com forte sentido associativo. Foi coordenador cenográfico do Teatro Aberto.

A SPA recorda a qualidade da sua dedicação à cooperativa e testemunha à sua família o seu muito sentido pesar, recordando a sua disponibilidade sempre solidária para com a comunidade dos autores portugueses.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

A SPA manifesta o seu profundo pesar pela morte de António Chainho, mestre da guitarra portuguesa, cuja vida e obra marcaram de forma indelével a música portuguesa e a projecção internacional deste instrumento maior da nossa identidade cultural. Manteve ao longo dos anos uma relação de proximidade, diálogo e partilha com a SPA, da qual foi Beneficiário desde 1972 e Cooperador desde 1981, acompanhando e apoiando activamente a vida cultural e musical portuguesa. A SPA atribuiu-lhe a 19 de Maio de 2022 o prémio Consagração de Carreira homenageando, desta forma, o conjunto da sua obra.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

ANTÓNIO CHAINHO

1938 - 2026

Natural de Santiago do Cacém, António Chainho iniciou muito cedo o seu percurso musical, desenvolvendo de forma autodidacta uma linguagem própria num instrumento de grande exigência técnica. Ao longo de várias décadas construiu uma carreira ímpar, afirmando-se como um dos mais importantes intérpretes e compositores da guitarra portuguesa, levando-a a palcos nacionais e internacionais e despertando a admiração de músicos de referência de diferentes geografias e universos musicais. Colaborou e partilhou o palco com alguns dos mais relevantes nomes da música nacional e internacional, entre os quais Maria Bethânia, Adriana Calcanhotto, José Carreras, John Williams, Jaques Morelenbaum, Paco de Lucía, bem como com numerosos intérpretes portugueses de diferentes gerações.

Recentemente, consciente das exigências físicas do instrumento e fiel a um rigor artístico que sempre o caracterizou, decidiu encerrar o seu ciclo profissional com serenidade e dignidade, mantendo, contudo, uma relação diária e íntima com a guitarra, que nunca abandonou.

Homenageando o seu talento singular, o seu percurso exemplar e o contributo decisivo para a afirmação da guitarra portuguesa, a SPA presta a António Chainho a sua sentida homenagem, endereçando à sua família uma solidária mensagem de pesar, recordando com gratidão a importância da sua obra para a cultura musical portuguesa.

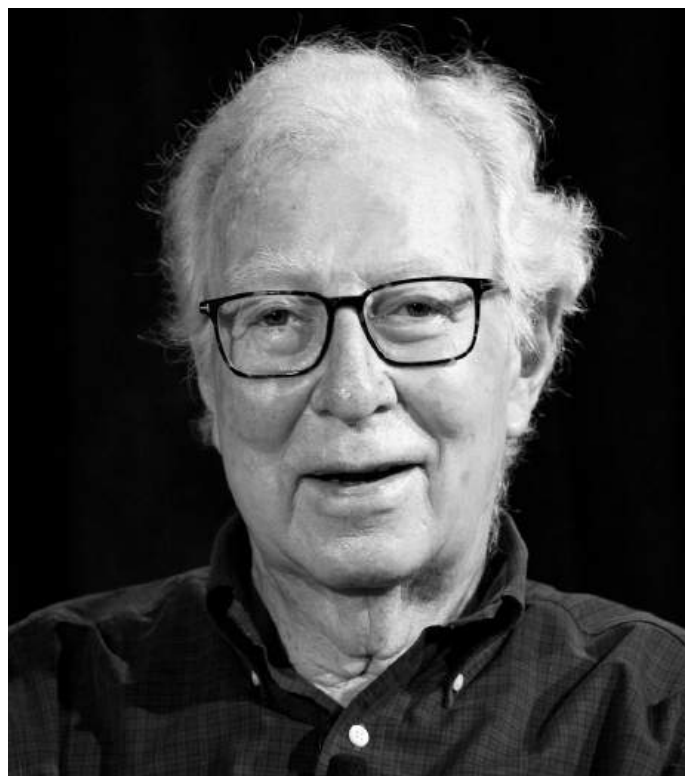
ÁLVARO CASSUTO

1938 - 2026

A SPA manifesta o seu pesar pela morte do maestro Álvaro Cassuto, de 87 anos, cooperador desde 1968 e sem dúvida o mais importante dos maestros portugueses, tanto em Portugal como no panorama musical internacional. A SPA atribuiu a Álvaro Cassuto, que entretanto publicou o seu livro de memórias com o apoio da cooperativa, o Prémio Vida e Obra em 2022.

Nascido no Porto, Álvaro Cassuto licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa, tendo sido colega de curso do ex-Presidente Jorge Sampaio. Depois diplomou-se em direcção de orquestra pelo Conservatório de Viena. Em Lisboa estudou com Fernando Lopes Graça e Artur Santos. Tendo-de especializado na direcção de orquestra, trabalhou durante anos nos Estados Unidos, designadamente em Nova York e em Filadélfia. Em Portugal dirigiu a Orquestra Gulbenkian e Nova Filarmónica, que criou também a Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Foi brilhante e notável o trabalho que realizou como maestro à frente de orquestras europeias, recuperando as obras sinfónicas de compositores como Joly Braga Santos e Fernando Lopes Graça. A SPA apoiou todas as gravações que Álvaro Cassuto realizou para editoras de grande prestígio internacional. Também foi director artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa e da Orquestra do Algarve em 2002. Foi assistente do maestro Leopold Stokowvsi, junto da American Simphony, em Nova York, onde recebeu o prémio Koussevitzky, a mais importante



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

distinção para jovens maestros nos Estados Unidos. Ainda chegou a ser maestro da Symphony Orchestra de Israel e director da Orquestra Sinfónica de Bari entre 2009 e 2011. Álvaro Cassuto, que sempre acompanhou de forma activa e solidária as transformações operadas na cooperativa de autores de que era membro, estudou regência com Pedro de Freitas Branco e com Herbert von Karajan.

A SPA recorda a sua extensa obra e o seu talento artístico, que serão sempre lembrados e saudados junto da grande comunidade dos autores portugueses, endereçando à sua família o testemunho do seu sentido pesar.

CLARA PINTO CORREIA

1960 - 2026

A SPA manifesta o seu pesar pela morte da escritora, bióloga e professora universitária Clara Pinto Correia, beneficiária da cooperativa dos autores portugueses desde maio de 1984.

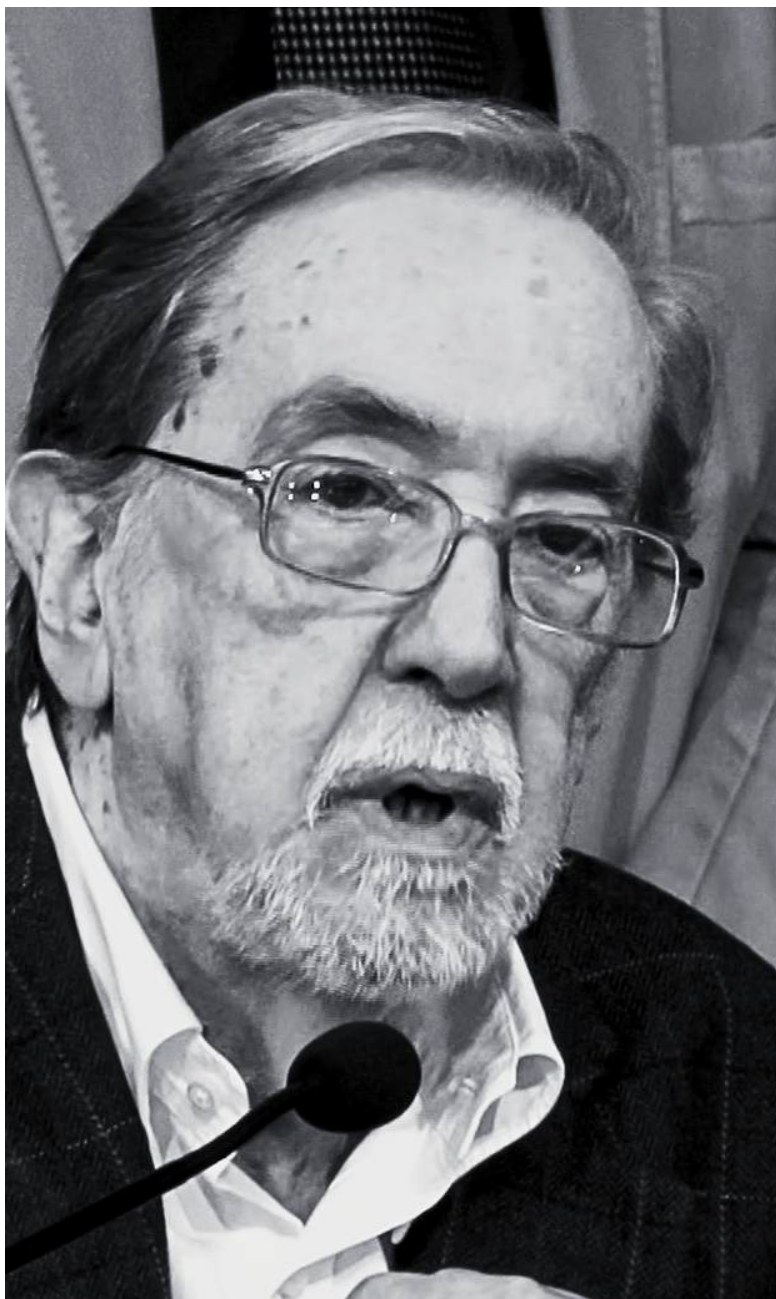
Nascida em Lisboa, filha de uma médica e de um médico e professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, Clara Pinto Correia iniciou-se cedo como jornalista no semanário “Jornal”, onde se evidenciou como redactora de talento no quadro da sua geração.

Publicou livros como “Agrião”, em 1983, “Um Esquema”, em 1985 e “Adeus Princesa”, em 1985. Este último livro foi muito bem recebido pela crítica e pelo público, tendo sido adaptado ao cinema por Jorge Paixão da Costa.

Doutorada em Biologia, Clara Pinto Correia publicou, com prefácio de Stephen Jay Gold o livro “O Ovário de Eva”.

Teve presença assídua nos jornais, na rádio e na televisão tendo, nos últimos anos, estado afastada dos círculos culturais e mediáticos. Vivia agora em Estremoz, onde o seu corpo foi encontrado. Também teve uma passagem pelo cinema com “Kiss”, filme realizado por António da Cunha Teles.

À família enlutada, a SPA endereça o testemunho solidário do seu pesar, recordando a escritora de talento e o seu longo percurso na vida científica e literária. Também o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, manifestou o seu pesar por esta partida prematura, tendo presente a qualidade e diversidade da sua vivência cultural e científica.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

LUÍS TINOCO

1932 - 2026

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 93 anos, do seu cooperador José Luís Tinoco, compositor, arquitecto e artista plástico, associado da cooperativa desde 1976 e inscrito como beneficiário desde 1971.

José Luís Tinoco fez parte das primeiras formações do Hot Clube de Portugal. Foi distinguido com o prémio Consagração de Carreira da SPA em 2015.

José Luís Tinoco, concebeu mobiliário para espaços interiores e desenhou capas de livros de autores como Alfred Jarry e José Rodrigues.

Nascido em Lisboa em Dezembro de 1932, era filho de um reitor de liceu e de pianista, pedagoga e concertista. Na década de 80 do século passado lançou as bases para o levantamento da Música Portuguesa contemporânea, correspondendo a um convite da Secretaria de Estado da Cultura.

Em 2021, a RTP estreou o documentário “Vida e obra de José Luís Tinoco”, de Laurent Filipe. Em 2022, o município de Leiria celebrou os seus 90 anos de vida e obra com um concerto em que intervieram Bernardo Tinoco, Pedro Branco e João Sousa.

Como última despedida, o corpo do compositor foi velado na Sala-galeria Carlos Paredes da SPA.

Foi autor, entre outras, de canções, de “Um Homem na Cidade” e “Madrugada”. Publicou ainda o livro de poemas “Perseguição dos Dias”. A SPA endereça à família do compositor e artista uma mensagem de profunda solidariedade e admiração.

EX
POSI
ÇÃO

CARLOS
PAREDES

VISITE A EXPOSIÇÃO

 **Quando:** De Segunda a Sexta-feira, das 09h às 19h.

 **Onde:** Piso 0 (SPAUTORES),

Avenida Duque de Loulé N°31 – Lisboa

No espaço do **piso 0 da sede da SPA**, patente ao público, desde o dia **12 de Fevereiro de 2025**, uma mostra exclusiva de fotografias e objetos pessoais de Carlos Paredes, incluindo a sua **icónica guitarra de concertos**. Este espólio, doado à cooperativa, será exibido pela primeira vez, proporcionando uma oportunidade única para conhecer de perto o legado deste grande mestre da guitarra portuguesa.

“ESQUECE OS MEUS DIREITOS. LEMBRA-TE DOS TEUS”

ANTÓNIO VICTORINO
D' ALMEIDA

O direito de autor é aquilo que paga o seu trabalho. É o que o autor recebe por criar algo novo como uma peça musical, um livro ou um filme. Se não receber, o autor não os pode criar e é aí que os teus direitos enquanto leitor são postos em causa porque sem autores não há cultura.